

A EXPERIÊNCIA ONÍRICA NO PROCESSO DE CRIAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO

Anna Clara de Faria Martins Vieira

Brasília, DF.
2023

A Experiência Onírica no Processo de Criação e Individuação

Trabalho de conclusão em curso de Artes Visuais, Habilitação em Bacharelado em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Sob a orientação da professora doutora Andrea Campos de Sá. 2023/1.

Membros da Banca Avaliadora

Orientadora: Professora Dr^a Andrea Campos de Sá. (UnB/VIS)

Avaliador: Professora Dr Notório Saber Luiz Galina Neto. (UnB/VIS)

Avaliadora: Professora Dr^a Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz. (UNB/VIS)

Agradecimentos

Gostaria de agradecer inicialmente a Universidade de Brasília, onde pude viver experiências diversas, únicas e engrandecedoras oriundas de conhecimentos em salas de aula e fora delas.

Obrigada Capi, minha orientadora, por toda atenção e envolvimento para me ajudar a colocar as ideias em ordem durante a construção deste trabalho.

Obrigada a banca avaliadora presente, por aceitar o convite para fazer parte deste momento significativo, trazendo suas respectivas contribuições a partir de suas bagagens.

Quero agradecer as pessoas que cruzaram meu caminho durante este ciclo, e de alguma maneira fizeram parte dessa trajetória. A UnB foi um local onde conheci pessoas de grande importância para a minha vida, e que formam minha rede de apoio atualmente.

Obrigada as minhas mães, e meu pai por todo suporte envolvido durante meu crescimento, por nunca deixarem de acreditar em mim e me encorajarem a enfrentar os desafios da vida.

Obrigada Rebeca e Eduardo, pela amizade e por me ensinarem tanto em nossos momentos criativos, além de aceitarem fazer parte do desenvolvimento do curta-metragem.

Obrigada Carol, minha companheira, por me apoiar e inspirar a continuar sonhando e trilhando meu caminho.

Obrigada Luiza, pela amizade, apoio, confiança e parceria profissional, fez toda a diferença pra eu chegar até aqui.

E por fim, obrigada a todas versões de mim que sobreviveram até este presente momento. Agradeço a mim, por ter persistido no caminho acadêmico mesmo atravessando momentos de profundas incertezas e instabilidade.

Resumo do Trabalho

palavras-chaves: sonho; processo criativo; individuação; colagem; vídeo;

Este trabalho reúne diferentes compreensões e representações teóricas/visuais a respeito do sonho, tema norteador deste trabalho de conclusão de curso de graduação. Aqui, o sonho é compreendido como uma experiência empírica singular e coletiva, fonte de sabedoria, autoconhecimento e objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. É por meio da experiência onírica que surgem os conteúdos manifestos, e devaneios que se desdobraram nas produções autorais artísticas e poéticas presentes nas colagens, fotomontagens e produção audiovisual. O sonho possui diferentes caminhos de investigação e infinitas possibilidades de inspiração e representação.

Lista de Figuras

- FIGURA 1.** *Relevant part of the Dream of Thutmose IV.* Fotografia. Autor desconhecido. 2015 Fonte: <www.researchgate.net> Acesso em: 10 Jun. 2023
- FIGURA 2.** Frame do Documentário: *A Caverna dos Sonhos Esquecidos.* Print scream. Anna Clara Martins. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 3.** *Vishnu sonhando o universo.* Fotografia do Mural de Pedra. Autor desconhecido. 450-500 d.C.
Fonte: <www.pinterest.com>
- FIGURA 4.** *Portal.* Colagem Manual Digitalizada. Anna Clara Martins. 2016.
Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 5.** *El Abrazo de Amor del Universo, la Tierra .* Pintura. Frida Kahlo. 1949.
Fonte: <www.kahlo.org> Acesso em: 22 Maio 2023.
- FIGURAS 6-9.** Série: *Los Sueños.* Fotomontagem. Grete Stern. 1948-1951.
Fonte: <www.m-arteyculturavisual.com> 02 de Jun 2023.
- FIGURA 10.** Títulos desconhecidos. Colagem. Nah Singh. 2015 Fonte: <www.flickr.com/photos/underneath-and-unexplored> Acesso em 18 de Fev de 2023.
- FIGURAS 11-13.** Cartas de Tarot. Colagem. Nah Singh. 2014.
Fonte: <www.flickr.com/photos/underneath-and-unexplored> Acesso em 18 de Fev de 2023.
- FIGURA 14-19.** Frames do Filme: *Um Cão Andaluz (1929).* Buñel. Print scream. Anna Clara Martins. 2023. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=9xBRqmtkens>> Acesso em: 12 de Jul 2023.
- FIGURA 20.** Templo. Colagem Digital. Anna Clara Martins. 2018. Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 21.** Sem título. Fotografia. Anna Clara Martins. 2019. Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 22.** Sem título. Fotografia. Anna Clara Martins. 2019. Fonte Arquivo pessoal.
- FIGURA 23.** Sem título. Fotografia. Anna Clara Martins. 2019. Fonte Arquivo pessoal.
- FIGURA 24 .** *Angico Vermelho.* Fotografia. Anna Clara Martins. 2019. Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 25.** Seiva. Fotografia e Fotomontagem. Anna Clara Martins. 2019. Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 26.** *Coordenadas para uma realidade imaginada.* Colagem analógica e digital. Anna Clara Martins. 2015. Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 27.** *Abracadabra.* Colagem digital. Anna Clara Martins. 2016. Fonte: Arquivo pessoal.
- FIGURA 28 - 36.** Frames do curta-metragem: *Santuário.* Anna Clara Martins. 2023.
Fonte: Arquivo pessoal.

Nem tudo o que é conhecível pode ser articulado de forma proposicional. Os limites do nosso conhecimento não são definidos pelos limites da nossa linguagem. [...] Mas será mesmo verdade que o que não podemos afirmar, não podemos conhecer?

Eisner, 2008, p.12.

Este é um trabalho de conclusão de curso em Graduação em Bacharelado em Artes Visuais, desenvolvido num modelo ensaístico. Este reúne uma pesquisa a respeito dos sonhos, movido pela curiosidade pelo tema e intenção de representar artisticamente um pouco dos conteúdos manifestos e devaneios provenientes de experiências oníricas. Além das produções autorais, este trabalho percorre compreensões teóricas por autores como: Ailton Krenak, Sidarta Ribeiro, Carl Jung, Chevalier e Gherbrant. E traz representações figurativas que atravessam épocas e culturas a respeito dos sonhos, entre elas: rupestre, egípcias, indianas, alemã, e brasileira.

Desde pequena, lembro-me de relatar meus sonhos a amigos e familiares. Tinha sonhos vívidos, acordando com a sensação e a memória de ter ido para outro lugar, uma dimensão onde tudo poderia ser possível. Na medida em que cresci, lembrar e pensar a respeito dos meus sonhos, tornou-se não somente um hábito, mas também uma referência para a concepção estética de experimentos de trabalhos autorais.

Sonhar

Sonhar é um fenômeno intrínseco ao ser humano. Além de transcender fronteiras culturais, étnicas e geográficas, desempenha papéis significativos em diferentes áreas do conhecimento. É tão antigo quanto as linguagens convencionais criadas pelo ser humano. Civilizações ancestrais tentaram representar os sonhos, não só mediante palavras, mas também por imagens que perduram até os tempos atuais, tornando-os objetos de estudos em diversas áreas do conhecimento. Para o sonhador, relatar e transmitir o sonho, empiricamente vivenciado, é desafiador. Ao contrário de muitas experiências que temos na vigília, o sonho nunca é transmitido com total fidelidade.

As experiências oníricas são ancestrais. Estão presentes em diversas civilizações, em culturas antigas e foram sendo ressignificadas ao longo dos anos por diferentes abordagens. O ser humano buscou dar forma e comunicar seus sonhos por meio de diferentes tipos de representações: pelos desenhos, pelas pinturas rupestres, pelos hieróglifos, pelos murais esculpidos e pela oralidade transmitida hereditariamente.

Abaixo (Figura 1) encontramos o Hieróglifo dos Sonho de Thutemés IV, localizado entre as patas da Esfinge de Giza, no Egito. O escrito relata um sonho profético de Thutemés IV, durante a 18ª dinastia, enquanto ainda era príncipe, por volta de 1401 a.C, no qual Horus revelava a ascensão de Thutemés IV ao reinado. No Antigo Egito era comum a "oniromancia, adivinhação por meio dos sonhos". (CHEVALIER, 2020).



Figura 1. Dream of Thutmose IV. Fotografia. Autor desconhecido. 2015 .

A experiência do sonho é um exercício disciplinado de buscar nos sonhos orientações para nossas escolhas do dia a dia [...] buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas [...]o sonho não como experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradução de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e outras pessoas. (KRENAK, 2019, p. 52.)

O documentário *A Caverna dos Sonhos Esquecidos* (2010) mostra as pinturas rupestres presentes na caverna de Chauvet na França, entre as quais, segundo pesquisadores, encontram-se representações dos sonhos dos povos que habitaram essa caverna.

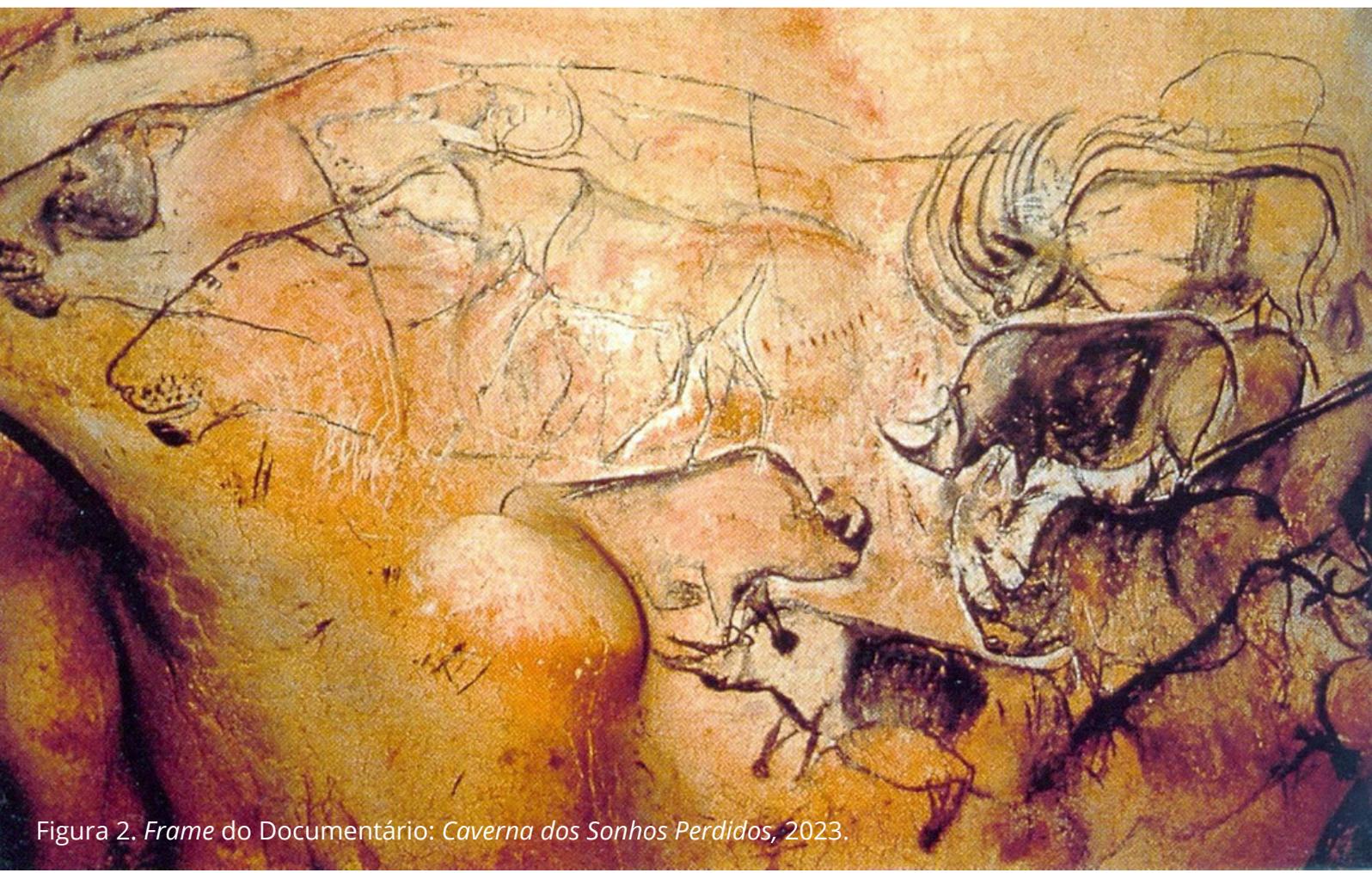


Figura 2. Frame do Documentário: *Caverna dos Sonhos Perdidos*, 2023.

Outro exemplo de representação de sonho, é este mural (Figura 3) abaixo, no templo Dashavatara na Índia (450-500 d.C), Vishnu, divindade hindu, é representado reclinando sobre Sesha *enquanto sonha o universo em realidade* (RIBEIRO, 2019). Ananta Sesha é uma das manifestações de Vishnu, representada por uma serpente de mil cabeças. O seu nome em sânscrito significa infinito, aquele que permanece. Vishnu é recorrentemente representado deitado na serpente flutuando sobre o oceano. O oceano na cultura hindu e suas mitologias simboliza a essência primordial da existência, a origem da vida e um reservatório de energia cósmica, de onde é extraído o elixir da imortalidade.



Figura 3: Vishnu sonhando o universo. Autor Desconhecido.

O ambientalista e ativista indígena Ailton Krenak em seu livro *Como Adiar o Fim do Mundo* (2019) concebe o sonho como instrumento que pode auxiliar nas nossas decisões durante a vigília. Sua prática está relacionada à intuição e pode influenciar tomadas de decisão individuais e coletivas, sendo incorporada em diferentes culturas como fonte de autoconhecimento:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. [...] Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. (KRENAK, 2019, p.32)

O neurocientista, biólogo e escritor, Sidarta Ribeiro, em seu livro *Oráculo da Noite: História e Ciência dos Sonhos*, aborda a natureza dos sonhos e do sono por uma perspectiva científica e histórica. Para ele, sonhar é um “oráculo probabilístico”, ou seja, a experiência onírica é uma simulação de probabilidades geradas a partir da reverberação das nossas memórias, lembranças e conhecimentos simbólicos. Neste sentido, o sonho auxilia nossas escolhas, nos alertando para situações perigosas que podem ser vivenciadas na vigília. Lembrar dos sonhos, então, nos tornaria mais atentos a certos aspectos do cotidiano. De acordo com sua pesquisa, o sonho pode ser:

considerado um teste de hipóteses em ambiente de simulação, com ciclos de fortalecimento seletivo de memórias durante o sono de ondas lentas, estocagem genômica disparada no início do sono REM e reestruturação de memórias em longos episódios de sono REM¹ (RIBEIRO, 2019, p. 372)

¹REM “rapid eye movement” - movimento rápido dos olhos em português-, é marcado por grande ativação cerebral, que reverbera memórias com muita intensidade. Essa reverberação é o próprio material de que são feitos os sonhos. (p.34). É a fase mais profunda do sono, e a que possui a maior atividade cerebral que são observadas por meio de um ECG - um exames eletroencefalográfico.

Sabe-se que o sono é importante para a saúde cognitiva e emocional, pois é durante os estágios mais profundos do sono que ocorrem as regulações hormonais, a ressignificação de traumas, o processamento e a consolidação de memórias. A privação de sono, conseqüentemente, provoca uma série de problemas: prejudica o aprendizado, causa déficits de memória, dificulta o gerenciamento das emoções, principalmente as negativas.

Algumas sociedades antigas não distinguiam a diferença entre a dimensão da vigília e a dos sonhos. Outras tinham a convicção de que era uma forma de se comunicar com os deuses e os mortos; uma ferramenta para se obter respostas e soluções. Sidarta em sua obra, também aborda a função dos sonhos e sua profunda relevância na perspectiva de povos aborígenes australianos. Para eles, existe a *Alcheringa*:

plano espiritual primordial que existia antes de o sonhador nascer e continua a existir depois de sua morte, onde toda a ancestralidade habita desde o início numa superposição do passado, presente e futuro. [...] A Alcheringa permite viver dormindo uma vida inteiramente diversa com espíritos de todo tipo, inclusive animais e plantas e múltiplas gerações de antepassados, numa experiência tão plena e aumentada, que voltar à vigília é como regressar a um sonho e adormecer é como despertar. (RIBEIRO, 2019, p. 447)

Sidarta também relata a busca de xamãs por curas e soluções por meio dos sonhos:



Figura 4. Portal. Anna Clara Martins. 2016.

[...] as culturas ameríndias tipicamente atribuem ao sonho um lugar essencial de tempo condensado, presente e futuro juntos num imenso e intenso gerúndio. Nas perambulações da alma pelo horizonte de futuros possíveis, o sonhador e sobretudo o xamã tentam diagnosticar a situação em curso e controlar o sonho para inverter a causalidade dos eventos. Em lugar de simplesmente ver o que aconteceu ou acontecerá, tentam criar uma nova realidade através das próprias ações. É comum a narrativa do xamã que parte em busca de uma cura ou solução através dos sonhos. (RIBEIRO, 2019, p.445)

Segundo o psiquiatra e psicólogo analítico Carl Gustav Jung, “o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos” (JUNG, 1964). Estes podem ser considerados um reflexo do que experienciamos, e uma forma de acessar e significar as experiências na vigília. Ele acreditava que os sonhos têm uma função psicológica importante, capaz de auxiliar no desenvolvimento pessoal porque possibilitam o contato com elementos ocultos da nossa psique, além de revelar símbolos arquetípicos coletivos compartilhados por toda a humanidade. Estes símbolos representam aspectos fundamentais da experiência humana, como por exemplo, a busca pela individuação e relação com a natureza.

A individuação, conceito popularizado por Jung, envolve a integração de todos os aspectos da psique (inconsciente/consciente, animus/anima, sombra e self). Já os símbolos desempenham um papel importante no processo por serem uma ponte entre inconsciente e consciente; uma forma de linguagem que transmite significados.

(...) uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 2008, p.19)

A exploração simbólica dos conteúdos oníricos e a tentativa de representá-los é, para mim, uma oportunidade de trazer à consciência elementos que permeiam não só o meu imaginário, mas minhas memórias, muitas vezes ocultas.

Segundo o artista e educador Levy Vargas, o processo de individuação é o elemento mais importante na obra de Jung:

individuar-se é “tornar-se si mesmo”, atingindo os potenciais próprios. Assim, a individuação é um processo espontâneo de amadurecimento por meio do qual o indivíduo se torna o que está “destinado” a ser, desde o início de sua existência. A grande tarefa do ser humano é descobrir quem realmente é, e será esse o seu processo de “individuação”. [...] Para ele, todo o acontecer psicológico da primeira metade da vida é uma espécie de preparação, de afinação dos instrumentos para a verdadeira tarefa psicológica da existência humana, ou seja, o seu processo de individuação, a descoberta de sua identidade profunda, através da realização de seus potenciais. (VARGAS, 2007, p.74)

O livro *O Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, de Chevalier e Gheerbrant (2022), aborda os sonhos em diferentes culturas. O sonho, segundo o autor, é um veículo criador de símbolos e uma manifestação da natureza em sua complexidade e quantifica o sonho ao longo da vida. Uma pessoa de 60 anos, por exemplo, passa 5 anos da vida sonhando, sendo 25% do sono atravessado por sonhos, com uma duração média de duas horas por noite. Os autores reúnem centenas de símbolos e sintetizam seus significados em diferentes culturas. Ao consultar o dicionário, percebi como os símbolos se condensam e imprimem significados inconscientes, capazes de serem incorporados, mesmo sem conhecermos seu sentido originário.

Chevalier e Gheerbrant dedicam uma parte do livro ao sonho, este pode ser vivenciado em uma prática psicoterapêutica denominada onirotécnica, o sonhar desperto, através de um estado de hipovigília. Ele pode ser um agente de informação sobre o estado psíquico do sonhador e, também, contribui para estabelecer o equilíbrio psíquico do sujeito, além de acelerar os processos de individuação.

A análise onírica ou simbólica é uma das vias de integração da personalidade. O homem mais bem esclarecido e equilibrado tende a substituir o homem despedaçado entre seus desejos, suas aspirações e suas dúvidas, e que não compreende a si próprio. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2022, p. 966)

O conceito de inconsciente coletivo introduzido por Jung (2014) é fundamental para o entendimento da experiência onírica do sujeito. Para Jung, existe um nível mais profundo que o inconsciente pessoal, permeado de padrões arquetípicos, imagens simbólicas e temas universais, comuns a todas as culturas e sociedades. Esses padrões universais são uma espécie de estrutura psíquica pré-existente que molda a maneira como percebemos e interpretamos o mundo. Investigar a influência que os símbolos podem exercer no nosso inconsciente, portanto, pode auxiliar no autoconhecimento e no sentimento de pertencimento de ser e estar no mundo, além de ser uma fonte inesgotável de inspiração para produções de obras de arte.

Os símbolos oníricos brotam do inconsciente coletivo, estes são parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade. (JUNG, 2012, p. 107)



Figura 5. *El Abrazo de Amor del Universo, la Tierra* . Frida Kahlo. 1949.



Figura 6. Série: Los Sueños. Grete Stern. 1948-1951.

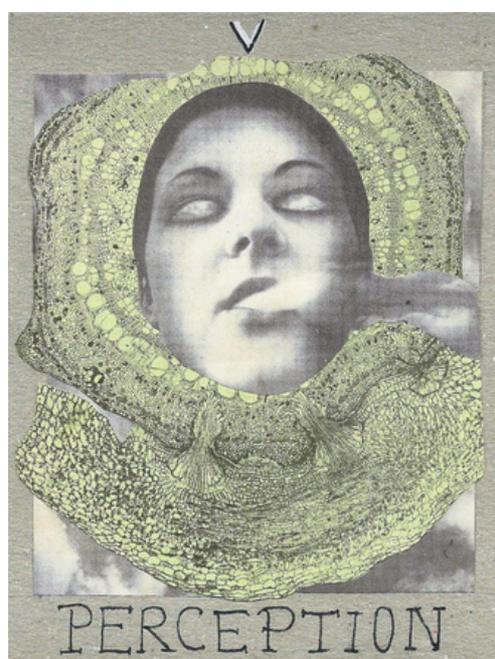
No campo das Artes Visuais, temos a produção da Série “Los Sueños (Figuras de 7 a 9) de Grete Stern (1948-1951). Grete foi uma fotógrafa e *designer* gráfica alemã que se refugiou na Argentina, durante o período ditatorial nazista. Suas obras mais conhecidas compõem uma sequência de fotomontagens feita para uma revista de vanguarda argentina, na qual buscou representar a experiência dos sonhos influenciadas pela corrente artística surrealista. As obras dessa série são repletas de elementos simbólicos que refletem o seu tempo dentro do contexto pós Segunda Guerra Mundial, fortemente marcado pelo trauma psicológico social. Stern se autorretrata demonstrando o seu desejo, como mulher, de ir além das expectativas e pressão social de gênero em sua época, ao transgredir e denunciar a realidade em que estava inserida.



Figura 7, 8 e 9. Los Sueños. Grete Stern. 1948- 1951.



A artista Nah Singh (nome artístico Singh Bean), mulher artista brasileira com raízes indianas, possui uma vasta produção de colagens que intercalam o processo digital e o manual de construção imagética². Suas composições nos lançam para uma atmosfera lúdica, onde é possível perceber um processo criativo alquímico e ritualístico, repleto de elementos arquetípicos e simbólicos. Em seu livro *Život je Tady - a Vida é Aqui* (2017) ela diz: “as ideias flutuam, quem me dera alcançá-las e recortá-las”, mencionando a colagem como linguagem capaz de manifestar suas ideias. A técnica da colagem é, de fato, interessante para construir obras que se aproximem de uma atmosfera onírica. A fragmentação das imagens no processo de recorte/colagem combinadas na construção de uma nova composição, assemelham ao movimento de deslocamento e condensação³ dos sonhos.



Figuras 11 a 13. Tarot Cards. Nah Singh. 2014.

[2] portfólio virtual da Nah Singh <<https://www.flickr.com/photos/underneath-and-unexplored>>

[3] Os conceitos de condensação e deslocamento foram introduzidos por Freud em seus estudos psicanalíticos a respeito dos sonhos, sendo possível encontra-los em sua obra “A interpretação dos Sonhos” (1900).

Existem muitas produções cinematográficas que tentaram representar os sonhos por meio do audiovisual, uma vez que se trata de uma alternativa de criação bem interessante para construir a experiência onírica unindo o visual e o sonoro. Como exemplo, menciono o filme *Um Cão Andaluz* (1929) construído e produzido pelo cineasta Luiz Buñuel e o artista Salvador Dalí, uma produção marcante em sua época e ainda atual pelo uso da narrativa não linear e pela ruptura com as convenções cinematográficas. Carregado de imagens perturbadoras e simbólicas, que desafiam a coerência lógica e narrativa, o filme é uma contravenção vanguardista, principalmente pela tecnologia disponível em sua época, servindo como referência ainda hoje como obra-prima da filmografia mundial.



Figuras 14 a 19. Frames do Filme: *Um Cão Andaluz*. Brunel e Dalí. 1929.

Devaneios Criativos

Matriz Primordial



Figura 20. Templo. Anna Clara Martins. 2019.

A natureza é a mais antiga fonte de inspiração e geração de conhecimento e cultura da humanidade, por meio de sua observação, o ser humano foi capaz de desenvolver diversas tecnologias sociais. Através da observação das estações do ano passamos a usá-las ao nosso favor para produzir alimentos, construir moradia, ferramentas, artefatos e tecnologias que suprissem nossas necessidades mais básicas. O meio natural é primordial, onde nossa ancestralidade reside.



Figura 21. Sem título. Anna Clara Martins. 2019.

Acima, a fotografia de uma goma coletada da árvore Angico-branco³ em meu quintal. Sua seiva tem coloração avermelhada e assemelha-se a uma resina com textura viscosa e elástica durante o processo de exudação, em contato com o meio inicia um processo de ressecamento e endurecimento. As figuras 21 a 25 foram são registro de experimentações com resina, e com jogo de luz na fotografia.

[3]**Angico:** taxonomia *Anadenanthera colubrina*. É uma árvore nativa em mais de alguns biomas brasileiro. É é rico em muitos nutrientes e possui benefícios medicinais. Recebem muitas denominações de troncos linguísticos indígenas, sua casca, seiva e semente são usadas na produção de medicinais em rituais e cerimônias xamânicas.

Em sua obra, Sidarta, concebe a natureza a partir de seus estudos sobre aborígenes australianos, povos que habitaram a região a milhares de anos:

Na cultura aranda a natureza é um vastíssimo templo e a vida é uma experiência continuamente numinosa², pois espíritos dotados de intencionalidade habitam a flora, a fauna e o mundo mineral. Seu animismo é intenso e arcaico, talvez a mais antiga religião ininterruptamente praticada em todo o planeta. Imersos nela, os arandas se identificam livremente com qualquer objeto natural, tanto no sonho quanto na vigília. "Tudo sou eu porque tudo está em minha mente... e só assim me apercebo de tudo. (RIBEIRO, 2019, p.448.

²**Numinosa:** Geralmente emprega-se a palavra numinoso quando se quer nomear algo referente ao sagrado. Tem diversos significados. Exemplos: vontade divina, onipotência divina, divindade, poder divino, inspiração divina, oráculo. [Dicionário Escolar Latino - Português, p.543]

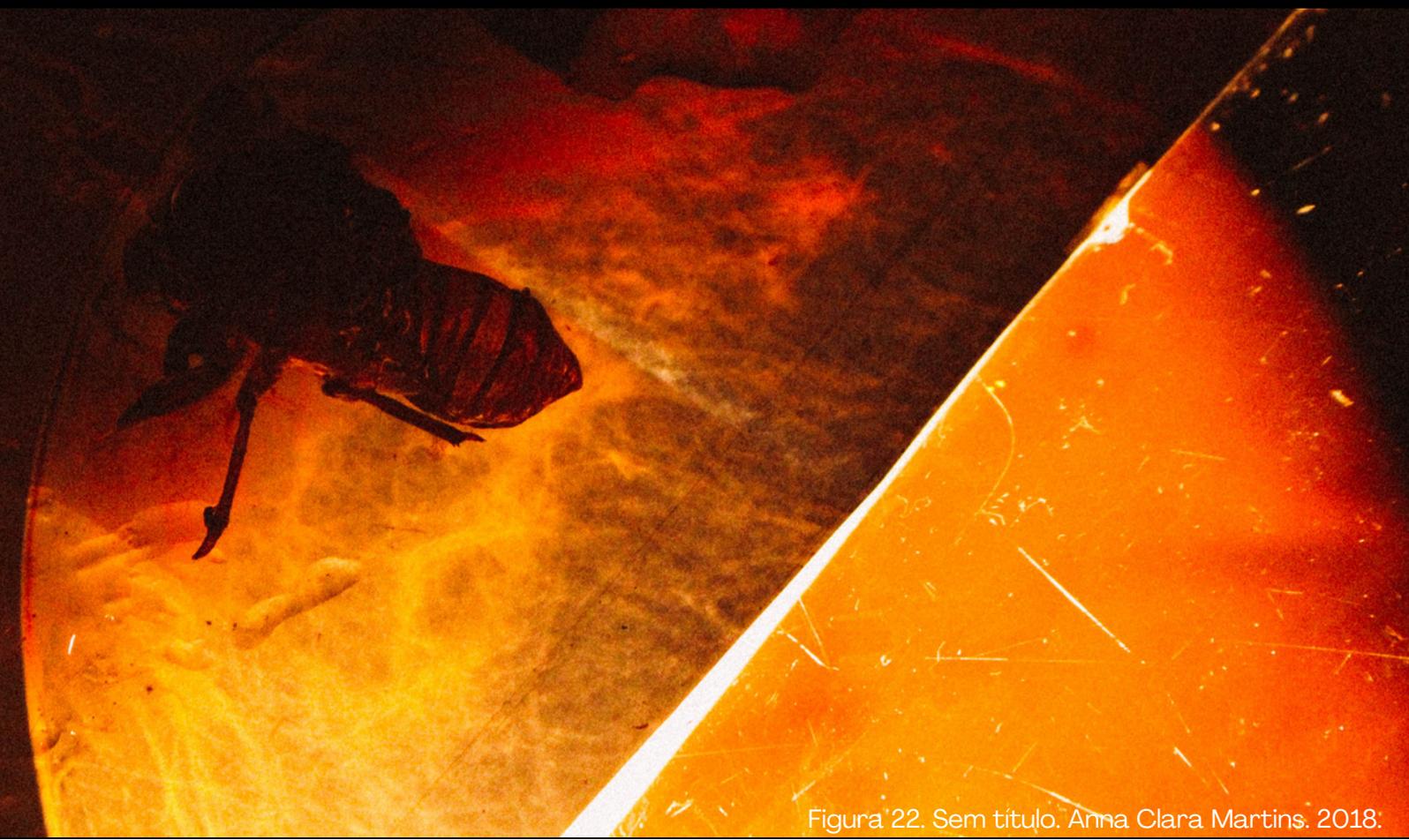


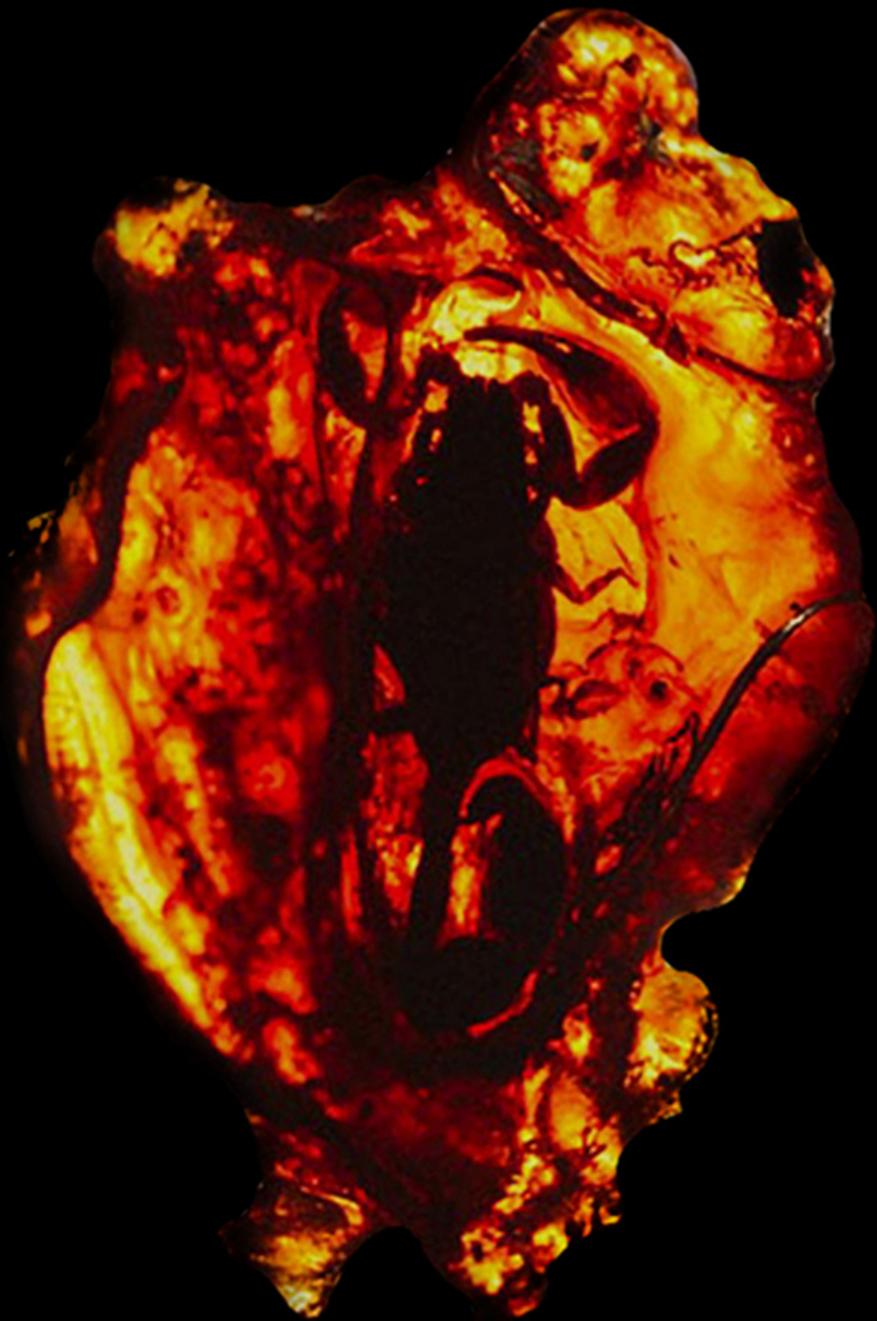
Figura 22. Sem título. Anna Clara Martins. 2018.



Figura 23. Angico Vermelho. Anna Clara Martins. 2019.



Figura 24. Angico Vermelho. Anna Clara Martins. 2019.



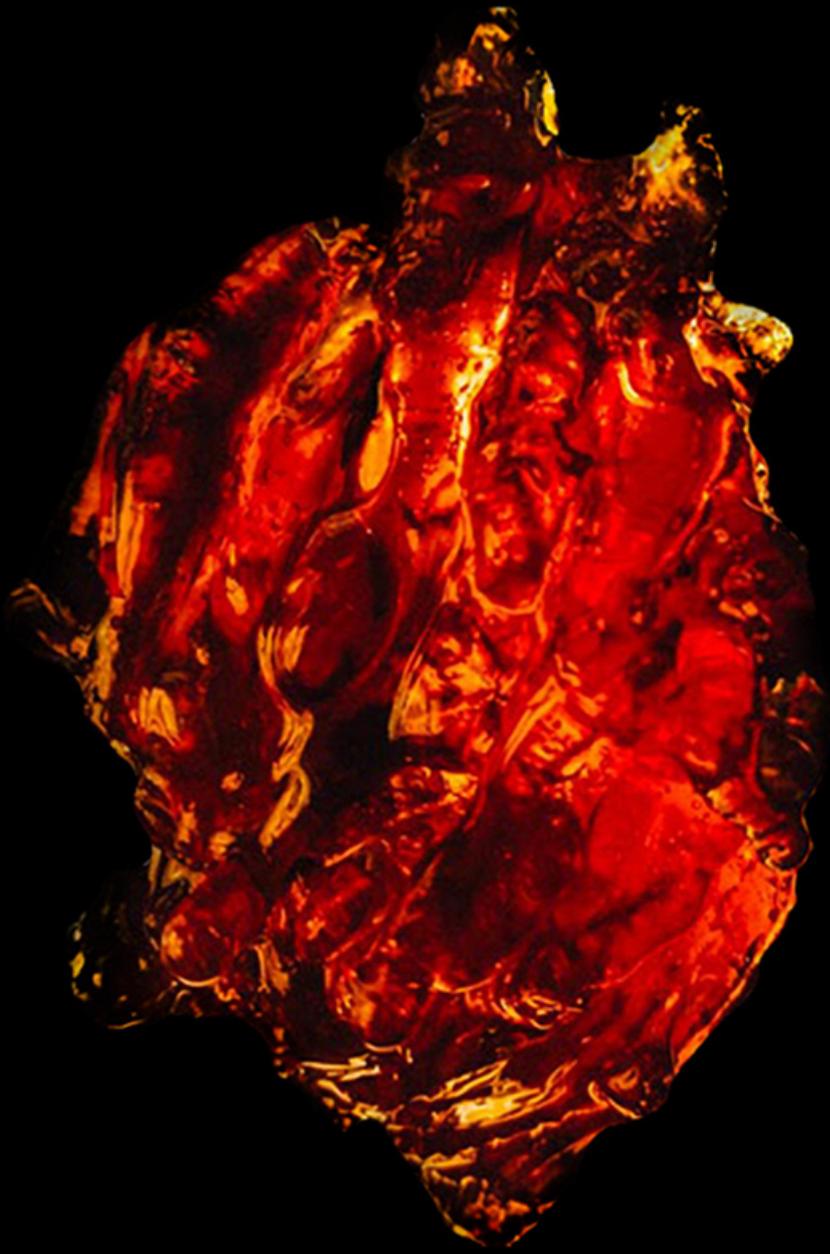


Figura 25. Seiva. Anna Clara Martins. 2019.

o oceano da memória



Figura 26. Coordenadas para uma Realidade Imaginada. Anna Clara Martins. 2015.

UM MAR SILENCIOSO
E PROFUNDO DE MEMÓRIAS
UMAS ADORMECIDAS, OUTRAS DESPERTAS,
TUDO O QUE JA FOI E PODE VIR A SER.

UMA PORTA PRA PERCEBER
O QUE NÃO SE PODE ALCANÇAR
COM AS PRÓPRIAS MÃOS

UM UNIVERSO CONTIDO
NUM GRÃO DE AREIA
QUE GRAVITA SOB UM CÉU,
COM OUTROS CÉUS.
VÁRIAS CAMADAS DE MIM,
DE SER E HABITAR.

SONHAR É COMO NADAR NO MAR
ONDE TUDO CONTÉM
E PODE EMERGIR,
DE UMA PROFUNDEZA ABISSAL
À SUPERFÍCIE.
ELUCIDAÇÃO.

A compreensão acerca do meu processo criativo é fruto da investigação dos meus sonhos, unida a uma observação ativa das coisas ao meu redor. O pensamento criativo surge, muitas vezes, de associações livres. Pretendo por meio deste trabalho, manter o propósito experimental e poético da prática artística, procurando não racionalizar, tampouco explicar meus sonhos.

Durante a pandemia da COVID-19, enclausurada em casa, decidi rever alguns trabalhos, buscando alguns sentidos ocultos e outras assimilações posteriores as suas realizações. O processo de revisitar obras com o deslocamento temporal me permitiu ressignificar os trabalhos.

Observando o mar e as cartas da colagem *coordenadas para uma realidade imaginada*, feita em 2015 (Figura 20), veio-me a lembrança as cartas psicografadas de Chico Xavier utilizadas na colagem. Recordei-me de sua profecia que viralizou na internet em 2012. A profecia sinalizava que se não encerrássemos o ciclo bélico da humanidade em um período de cinquenta anos, sofreríamos a resposta da Mãe Terra e suas manifestações divinas como fenômenos naturais catastróficos e imprevisíveis.

Interessante lembrar disso durante a pandemia, naquele momento de muitas incertezas, sem vacina, com um governo negacionista. Agora, após a pandemia, tornam-se cada vez mais pertinentes as discursões a respeito das consequências das mudanças climáticas. Arrisco-me dizer que a profecia de Chico Xavier, no antropoceno² atual, pode ser comparada ao "ponto de não retorno", ou *tipping point*, termo utilizado para se referir ao momento da humanidade no qual as mudanças climáticas não poderão ser mais revertidas.

A respeito do simbolismo do mar, tudo que sai do mar, retorna a ele. Mar é memória, vida em movimento. Portal para outros mundos. Propriedade divina de dar e receber. É o inconsciente coletivo, a imensidão, onde tudo contém e está à margem do esquecimento. "Nós estamos plugados numa memória profunda que a gente não controla, não a programamos, vivemos no oceano da memória" (KRENAK, 2019)

²**Antropoceno:** [Dicionário Cambridge.org]: período desde o século XVIII até hoje, no qual é possível observar o efeito que as pessoas tiveram no meio ambiente e no clima" (condições climáticas). [Tradução livre]

[Dicionário Priberam] Geologia; Relativo a uma época mais recente da era cenozoica, caracterizada pelos efeitos da atividade humana no clima e no funcionamento dos ecossistemas da Terra.

Este termo vem sendo discutido em vários espaços, durante o IGBP - Programa Internacional Geosfera-Biosfera, a partir do artigo *El Antropoceno, ¿un concepto geológico o cultural, o ambos?* (2017) foram discutidos diferentes períodos para o início desta nova "Era Humana". Existem especialistas que apontam que o antropoceno se iniciou com a Revolução Industrial (Século 18), com o surgimento das máquinas a vapor. Outros sugerem que surgiu durante o século 17, com a colonização das Américas e o genocídio em massa de comunidades indígenas acompanhada de grandes devastações e início dos *plantations*. Há também especialistas que apontam a revolução neolítica (11.700 anos atrás) como um marco temporal para o início do antropoceno, no qual as comunidades nômades passariam a se estabelecer em locais permanentes.



Figura 21. Abracadabra. Anna Clara Martins. 2016.

Nesta colagem (Figura 21) há um muro de tijolos de pedra com hieróglifos cravados e indecifráveis. No entanto, a escrita enigmática não diminui sua potência simbólica. Adicionei uma fotografia autoral do elemento água para contrastar com a solidez da pedra. Com um pincel do Photoshop, desenhei a água transbordando e atravessando o muro, envolvendo a mão que aponta para o hieróglifo. O simbolismo das rochas em combinação com a água traz à tona uma dualidade: enquanto as rochas representam a solidez, estabilidade e permanência, a água simboliza fluidez, transformação e adaptabilidade. A interação desses elementos evoca a harmonia e coexistência de opostos complementares. Na minha percepção, as rochas são como entidades do tempo, guardiãs da história que dominam a alquimia dos mineiros.

Santuário

Título: Santuário

Ano: 2023

Duração do Curta-metragem: 3'26"

Direção, edição e roteiro: Anna Clara Martins

Trilha sonora: Rebeca Benchouchan

Operação de câmera: Carlos Eduardo Rodrigues



O curta-metragem *Santuário* foi realizado, com a finalidade de desenvolver um trabalho que pudesse expressar a experiência de um sonho, tendo o manuscrito do sonho como ponto de partida para o roteiro da obra. A protagonista, interpretada por mim, se percebe numa biblioteca, dentro de um apartamento, e começa a vasculhar esse lugar. O simbolismo de uma biblioteca pode ser visto por várias perspectivas, como um espaço que armazena conhecimentos antigos, e de preservação de cultura, refúgio e onde as pessoas costumam ir para buscar respostas e ampliar os horizontes dos conhecimentos. A biblioteca, dentro da perspectiva do sonho, vem com o intuito de fazer um paralelo desse cenário com nossa própria mente que arquiteta os sonhos.

A mente por meio do sonho tem a habilidade de acessar conteúdos e conhecimentos armazenados ao longo da vida. Outro elemento que podemos observar no vídeo é a nudez. O corpo despido pode representar a vulnerabilidade, liberdade emocional, retorno à natureza e a própria essência. As imagens de fita, gravados por minha mãe e meu pai, da protagonista criança, além de trazer a ideia do lúdico, remete às memórias da infância como um conteúdo presente nessa biblioteca. O sonho como portal de acesso para minhas memórias reprimidas.

Levando em consideração os elementos presentes, cada um ao assistir faz suas próprias sinapses e associações pessoais. O simbolismo dos elementos numa obra ou num sonho nem sempre é igual, assim como as compreensões que o espectador vai ter sobre ela.

Figuras 28 a 36. Frames de Santuário. Anna Clara Martins. 2023.







Desdobramentos e possibilidades

A realização deste trabalho me permitiu agregar conhecimentos a respeito dos sonhos para além da minha experiência empírica, mas também comum e plural. A investigação do conteúdo onírico que brota da mente pode assumir diferentes formas e caminhos de investigação. O sonho pode ser documentado textualmente, por meio de áudio, desenhos, pinturas, rabiscos, símbolos e expressão corporal. Muitas vezes o que lembramos é apenas uma imagem, uma presença de alguém, um elemento marcante, um frame. Nem sempre o sonho se apresenta como uma narrativa que pode ser convertida num roteiro extenso e cheio de detalhes. Ele pode servir de inspiração de muitas formas, e suas possibilidades de aprofundamento são diversas.

A manifestação do sonho, assim como as lembranças, sofrem distorções ao tentar representá-los, sempre será uma releitura, nunca uma cópia fiel. Não diria que ele se perde no processo, mas é ressignificado. Apenas o exercício de tentar lembrá-lo, é um exercício prático, ao fazer isso estamos trazendo para a consciência, e estabelecendo uma ponte com nosso inconsciente. Afinal os sonhos são uma realidade projetada por nossa mente, um aspecto da nossa psique que pode refletir em nosso comportamento quando estamos na vigília. Este trabalho não pretende ensinar como sonhar, não é um manual. Não pretendo criar um método para se sonhar, mas chamar a atenção para os sonhos, por diferentes perspectivas, para agregar na compreensão individual do seu papel em nossas vidas. O sonho pode ser visto em diferentes perspectivas: empírica, cosmológica, científica, artística, poética, ritualística. Sua tradução também é muito pessoal, porém a sua investigação simbólica arquetípica pode se guiar por diferentes significações, por meio do estudo dos elementos simbólicos e sincretismos culturais, ou apenas por nossa intuição e sinapses involuntárias.

Na minha perspectiva de sonhadora, o hábito de documentar o sonho, textualmente, por meio de símbolos rabiscados ou simplesmente contando pra alguém, ajuda muito a fixar a memória do sonho. Desde que iniciei a pesquisa deste trabalho passei a lembrar mais do que venho sonhando, inclusive tenho tido sonhos mais lúcidos e vívidos. Então, posso afirmar que, de alguma maneira, pesquisar os sonhos influenciou na minha experiência onírica.

Se este trabalho fizer o leitor se interessar mais pelo que se passa em sua mente enquanto dorme, já me sinto contente. Meu desejo é inspirar as pessoas a se atentarem aos sonhos, e nos conteúdos simbólicos neles presentes. Nós passamos um terço de nossas vidas dormindo, há quem viva uma vida paralela enquanto dorme, porque não tentar extrair e aprender com os nossos sonhos?

O sonho é o teatro onde o sonhador é ao mesmo tempo, o ator, a cena, o ponto, o diretor o autor, o público e o crítico. (CHEVALIER apud JUNG, 2022, p.930)



Referências Bibliográficas

BUÑUEL, L & DALI. Filme. *Um Cão Andaluz*. 1929. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9xBRqmtkens&pp=ygUWdW0gY8OjbyBhbmRhbHV6IGZpbG11IA%3D%3D>>

Acessado em: 03 JUL 2023

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Livro. *Diccionario de Los Símbolos*. 37^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2022.

EISNER, Elliot. *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?*. 2008. Disponível em:

<<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>> Acessado em: 11 OUT 2020.

JUNG, Carl G. *O Homem e Seus Símbolos*. 6^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

JUNG. Carl G. *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 11^a ed. Editora Vozes. São Paulo. 2014.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia de Letras. 2019.

KOEHLER, Pe. H., S.J. *Dicionário Escolar Latino - Português*. Porto Alegre, Editora Globo, 1957. Disponível em: <<http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Numinoso>> Acessado em: 19 DE JUL 2023.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite : A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

TRISCHLER, Helmuth. *El Antropoceno, ¿un concepto geológico o cultural, o ambos?*. Desacatos, México, n. 54, p. 40-57. Disponível em: <<https://www.scielo.org.mx/pdf/desacatos/n54/2448-5144-desacatos-54-00040.pdf>> Acesso em: 10 de JUL 2023.

VARGAS, Levy. *A Arteterapia como Facilitadora do Processo de Individuação*. 2006. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/taniacontrim/a-arteterapia-como-facilitadora-do-processo-de-individuao>> Acesso em: 5 de AGO 2020.

Roteiro de Santuário

CENA 1 [00'00" - 00'17"] Cena se inicia com a tela preta. Personagem aparece criança sendo acordada dentro do carro com um flash ofuscante da filmadora. Sonoplastia da fita VHS com um ruído desagradável ao fundo para reforçar o sentimento de desconforto na cena.

CENA 2 [00'17"-00'21"] Nascer do sol entre os galhos da árvore na varanda de casa com Som dos passarinhos ao fundo.

CENA 3 [00'21" - 00'24"] Cena da personagem deitada na cama dormindo coberta pelo cobertor.

CENA 04 [00'24" - 00'26"] Teia de aranha sendo atravessada por uma luz do sol poente balançando com o vento.

CENA 05 [00'26" - 00'38"] Personagem em pé nua e de costas em frente a janela, olhando pra fora quando de repente se debruça sobre a janela como se eu fosse atravessa-la.

CENA 6 [00'38 - 01'07] Volta para a cena do quarto onde estava dormindo. Personagem acorda levantando abruptamente com o sonho, se senta na beira da cama, pega seu caderno e começa a anotar nele.

CENA 7 [01'07 - 01'15] Retomada do sonho, volta para a biblioteca. Personagem adentra o corredor e começa a vasculhar as estantes como se estivesse à procura de algo.

CENA 8 [01'15"-1'41"] Personagem olha entre os livros, atrás da estante como se houvesse algo ali. Mudança de enquadramento. Personagem entrando dentro da estante. Cena alternada com filmagens do céu ao som dos passarinhos enquanto ela tenta atravessar a estante.

CENA 9 [1'41"-1'54"] Cena da personagem criança gesticulando com a boca e olhando para a câmera em um carro em movimento.

CENA 10 [1'58"] Volta para a biblioteca. Livro cai sozinho da estante enquanto a personagem está de frente pra janela olhando pra fora. Ela vira e olha pro livro caído.

CENA 11 [1'58"-2'14"] Cena de VHS-C dentro do carro, mostrando o velocímetro, as horas (23h18) depois uma mão masculina com um relógio dirigindo.

CENA 12 [2'14"-2'20"] Personagem sentada numa escada folheando o livro perto da janela.

CENA 13 [2'20"-2'28"] Volta para a cena da personagem escrevendo no caderno. A personagem fecha o caderno, o coloca perto da cama e levanta saindo do enquadramento de cena.

CENA 14 [2'29"-3'26"] Cena passando o café em três partes: preparando a cafeteira italiana, ligando a chama fogão e colocando a cafeteira sobre o boca do fogão, e servindo o café na xícara (slow motion)